As estratégias das estudantes-mães do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro por um espaço para seus filhos.

SANTA CRUZ, Christiane / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO –christianemartins189@hotmail.com

Eje: Educação e Gênero Tipo de trabalho: artigo

>> Palavras chave: mulheres –  maternidade –  ensino superior

* Resumo

Este trabalho objetiva contribuir para o debate sobre a multidimensionalidade das representações construídas acerca das mulheres universitárias. Para tanto, nosso foco está nas estratégias engendradas por um grupo de estudantes de uma universidade federal da cidade do Rio de Janeiro para fomentar o debate sobre a aquisição de um espaço para seus filhos e filhas. A percepção do problema nasce através da observação realizada a partir das diferentes disciplinas cursadas e as narrativas construídas nos espaços intervalares do Centro de Ciências Humanas onde se localiza a Escola de Educação. Chamou nossa atenção os processos que envolveram a comunidade universitária e provocou outras indagações sobre os sentidos da carreira acadêmica para esse segmento. Ao localizarmos a experiência, é mister apontar que trata-se de uma unidade de formação de professores de grande expressão, uma vez que, a Escola de Educação da UNIRIO recebe os estudantes de todas as licenciaturas. Relatar algumas das estratégias de um grupo de estudantes, como isso envolveu a comunidade da escola de educação e que sentido isso tem para uma escola de formação de professores sabendo-se que estas estratégias se tornaram uma agenda em assembleias da comunidade acadêmica que aderiu uma greve e desdobramentos, como o movimento “Ocupinha”.

* Introdução

Sabemos que existe uma demanda de mulheres que são mães e cursam o ensino superior. Sabemos também que muitas destas mulheres não possuem nenhum tipo de apoio para cumprir com a jornada múltipla diária, muito menos para manter-se nos estudos. No Centro de Ciências Humanas e Sociais, todos os dias, é possível notar o número de crianças filhos e filhas de estudantes que circulam pela universidade com suas mães para que elas possam estudar. Por não terem com quem e/ou onde deixar sua criança e, ao mesmo tempo, não deixar de frequentar as aulas, muitas mães levam para a universidade, seus filhos mesmo diante a tantos obstáculos como, por exemplo, a falta de um espaço adequado para crianças.

Há professores e outros funcionários da referida instituição que sofrem com o mesmo problema, porém, o foco deste trabalho está voltado para as estudantes e o debate sobre as representações que se faz a respeito delas. No livro, Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista, Guaracira Louro mostra a emergência do gênero feminino em ser visto, ou seja, ser respeitado e valorizado como alguém de direitos, no decorrer do último século a partir da História de alguns grupos feministas no Brasil. Conforme Louro:

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, 2014, p. 21)

Entendemos que a invisibilidade da mulher ainda não foi superada. Dentro da academia, principalmente, com a mulher que é mãe e trabalhadora. Por este motivo, é mister trazer com este artigo o debate a partir das narrativas dessas mulheres sobre suas estratégias refletindo o real motivo que faz com que elas tenham que se redobrar para “darem conta de seus afazeres”. Uma das indagações que é pano de fundo para nosso debate é a respeito do machismo envolvido nestas relações, como este está enraizado na academia e em um curso de formação de professores que possui em gritante maioria, mulheres. Dados do Censo da Educação Superior, de 2015, coletados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), confirmam um número bem maior de matrículas de mulheres no ensino superior, em cursos de licenciatura presenciais no município do Rio de Janeiro.

Existe um discurso no senso comum brasileiro que valoriza pré-requisitos para os estudantes do nível superior, excluindo mulheres que ainda são jovens, porém não tão novas, mulheres que são mães e, principalmente, mulheres em situação de vulnerabilidade social que precisam trabalhar para sustentar (ao menos) suas necessidades básicas. Infelizmente, este discurso se faz presente na fala de muitos professores e estudantes da universidade na atualidade e precisa ser combatido dentro de uma visão democrática de acesso ao ensino superior.

* O que falam essas mulheres-mães e universitárias?

Uma vez que, é necessário tirar a mulher de uma posição invisível e passiva permitindo voz a ela, precisamos em todos os espaços, trazer suas vivências. No caso deste trabalho, como já dito, nos deteremos às experiências dentro do cenário de uma universidade pública federal situada em uma cidade historicamente carregada de desigualdades, inclusive a de gênero, a cidade do Rio de Janeiro. Para compreender o que acontece dentro da universidade com essas mulheres, quais são suas angústias, seus artifícios para permanecer na graduação até a formatura com uma formação de qualidade e suas estratégias para conseguir um espaço para seus filhos, e pautar este trabalho na realidade vivida por elas, optamos em ouví-las.

Para este trabalho, foram entrevistadas duas estudantes do curso de Pedagogia que são mães de crianças em idades diferentes. Ambas as estudantes quando matricularam-se no ano de 2014 no curso de Pedagogia, já eram mães e possuíam um certo grau acadêmico e profissional. Ou seja, mulheres que estavam em busca, inicialmente de uma ascensão social e realização pessoal ao cursar ou retornar para o ensino superior em uma universidade pública e federal tão requisitada como a UNIRIO, e que, posteriormente, viram a necessidade de lutar dentro da instituição por acolhimento e apoio tão necessários à permanência na graduação.

Optamos por uma entrevista-conversa, para que elas se sentissem à vontade para falar sobre o assunto e pudéssemos extrair a essência de suas lutas diárias. O que importa para fins de resultados para este artigo é a análise das narrativas destas mulheres, por este motivo, suas identidades serão resguardadas. A primeira a ser entrevistada será aqui denominada pela letra C e a segunda pela letra N.

A principal questão que pautava a entrevista foi “Você teve/tem apoio para cursar a graduação?”. A partir dessa indagação, questionamos: “Quais estratégias você utiliza para permanecer no curso visando uma formação qualitativa de estudos?” e, por fim, “O que você acha que a universidade poderia fazer para apoiar as universitárias que são mães?”.

O que disseram essas mulheres? Sobre o apoio da família e da sociedade num todo, C diz não ter quase nenhum. Ela conta que veio de uma cidade do nordeste brasileiro há 12 anos para trabalhar. Ao ingressar na universidade, a empresa a dispensou. Mesmo sem emprego e com pouquíssimo apoio do pai de sua filha, C permaneceu na graduação. Para não abandonar o curso, ela decidiu levar sua filha para às aulas e vender lanches para se manter financeiramente. A estudante-mãe chamada aqui de N, já era professora concursada antes da matrícula no ensino superior. N resolveu voltar aos estudos por motivos financeiros, mas hoje almeja mais do que uma ascensão econômica, busca uma ascensão intelectual planejando permanecer no campo da pesquisa acadêmica após a graduação. Ela diz ter tido apoio de sua família para frequentar a universidade, mesmo assim, precisou muitas vezes levar sua filha consigo para a aula ou deixar de ir. Ambas disseram ter sofrido algum tipo de discriminação dentro da universidade por serem mães. Além disso, presenciaram outros discursos de discriminação com outras universitárias mães.

C usa como estratégia principal para a sua permanência na graduação a venda de sanduíches na própria universidade para ganhar tempo e dinheiro para o seu sustento. N diz que trabalhar e estudar é muito complicado, mas que não pode abrir mão também por motivos financeiros. E quanto ao que a universidade poderia fazer por elas e seus filhos, ambas defendem a criação de um espaço dentro da UNIRIO para crianças e adolescentes. Assim, resolveria, em grande parte o problema da falta de lugar/pessoa para deixar seus filhos. A criação deste espaço facilitaria também a vida acadêmica para as licenciaturas num todo, uma vez que, em muitas disciplinas são exigidos estágios de observação e/ou vivências como composição para o curso.

Após a análise através de uma abordagem qualitativa das narrativas destas mulheres, chegamos à conclusão de que elas buscam uma aceitação (que ainda é precária) por parte da academia e um espaço físico adequado para as crianças. Assim, surgiu a seguinte questão: O que elas fazem para buscar apoio da universidade e o que elas fazem com o apoio que já recebem?

Um professor que recebe muitos estudantes com seus filhos e filhas em suas aulas e conhece a história de vida de muitas mães universitárias, teve a ideia de reunir as crianças em um único dia durante um evento que aconteceria no Centro de Ciências Humanas e Sociais para chamar a atenção da comunidade acadêmica. O contexto político-social era uma greve de professores e estudantes, e uma ocupação de pessoas no prédio da reitoria desta universidade. Além de C e N, outras mães e estudantes de diversos cursos participaram do protesto que denominou-se “Ocupinha”.

* “Ocupinha”: A primeira ocupação de crianças na UNIRIO

Há muito tempo se fala na criação de uma creche universitária na UNIRIO, pensando também na formação dos futuros pedagogos da Escola de Educação e na demanda das demais licenciaturas. O que se vê é que a creche fica no campo da ideia. Provavelmente, porque muitos são contra o projeto de uma creche e optam, por diversos motivos, pelo não debate.

A ideia do professor que idealizou a ocupação de crianças era chamar a atenção das pessoas para o que está no convívio da comunidade acadêmica todos os dias e que muitos ignoram: as crianças.

Uma pré-organização do evento contou com a elaboração de um abaixo-assinado pedindo um espaço para as crianças filhas e filhos dos estudantes, professores e funcionários da instituição. Sendo assim, a ideia de ocupar a universidade que pairava sobre o ar através dos discursos políticos a favor da greve que estava acontecendo, trouxe crianças filhas e filhos de estudantes para ocuparem um dos corredores do Centro de Ciências Humanas e Sociais durante o evento “VI Semana de Educação da UNIRIO “Tânia Mara Tavares da Silva”” que aconteceu em novembro de 2016 na universidade. O movimento não fez parte da programação oficial do evento, foi uma manifestação para levantar o debate sobre o problema.

No início da ocupação de crianças que aconteceu no horário noturno onde a demanda é maior comparada ao turno vespertino, uma professora se manifestou no corredor pedindo para que as crianças fossem retiradas. Um dos objetivos fora alcançado. As crianças conseguiram de fato chamar a atenção. Durante a ocupação, as crianças pintaram e desenharam enquanto muitos se aproximavam para entender o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo, uma fila enorme se formava para a assinatura do abaixo-assinado que pedia o apoio para a criação de um espaço recreativo para as crianças. Muitos disseram apoiar a iniciativa porque se enquadravam no contexto da maternidade/paternidade e da vida acadêmica.

O movimento gerou cartazes que foram expostos e permanecem chamando a atenção das pessoas que passam pelo hall de entrada do Centro de Ciências Humanas e Sociais. As assinaturas continuaram sendo colhidas inclusive com um abaixo-assinado online. Além disso, o resultado do “Ocupinha” foi uma ampla discussão entre professores e estudantes trazendo à tona críticas às mães por um lado e de outro, apoio e muitos relatos de discriminação e resistência por parte destas mulheres.

* Desdobramento do “Ocupinha”

Durante a ocupação de crianças, aconteceram muitos encontros significativos. Desses encontros, o mais significativo para o movimento das mães-universitárias foi entre uma das mães que organizou o evento e a atual diretora da escola de Serviço Social também da UNIRIO. Esta diretora já refletia sobre o tema e tinha em vista um projeto de um espaço para as crianças, tal qual pensaram o professor do curso de Pedagogia com duas estudantes. Desse encontro surgiu troca de contatos e união de forças.

Assim surgiu o grupo que conseguiu criar junto à universidade um projeto de extensão chamado Crianças na UNIRIO. A autora deste artigo foi uma das idealizadoras do “Ocupinha” e hoje, faz parte como voluntária do grupo que tem por objetivo um espaço recreativo para as crianças na UNIRIO. Inicialmente, o projeto se chamaria ERC, mas com o nome dado para o projeto de extensão vinculado à instituição, mudou para Crianças na UNIRIO. O projeto está sendo pensado para dar apoio às estudantes-mães e seus filhos para que elas possam frequentar as aulas e concluir com êxito a graduação. Este grupo é composto por alguns professores e estudantes da Pedagogia e também do curso de Serviço Social e visa com este projeto discutir amplamente as questões que envolvem a permanência destas mulheres no ensino superior como as questões sociais, culturais, acadêmicas, políticas e comunitárias.

A ocupação e a participação de mulheres neste grupo de extensão permite a efetivação de suas estratégias para a permanência na universidade e o fortalecimento na luta contra uma sociedade acadêmica ainda com pensamento machista e patriarcal.

* Resistência

Não podemos falar dos dias atuais sem olhar para trás. A história da luta feminina no Brasil pela igualdade de gênero e superação do machismo é antiga. É possível verificar em muitos estudos, os passos dados por muitas mulheres para a conquista de direitos políticos e sociais que antes só eram permitidos aos homens. Mesmo com conquistas, Rachel Soihet à respeito do feminismo no Brasil do início do século XX (2000, p. 99) diz que,

[…] a trilha para as mulheres seria espinhosa. Autoridades, políticos em geral, juristas negam-se a considerar positivamente as pretensões de autonomia feminina. Respaldam-se na ciência da época, sinônimo, naquele momento, de verdade absoluta. Apelando para tais convicções e para os prejuízos acarretados à família, já que este era visto como o seu espaço prioritário, buscam limitar as mulheres nas suas ações, desejos e emoções, naturalizando determinações histórica e socialmente estabelecidas. Também através de peças teatrais, da literatura, de crônicas e por diversas matérias na imprensa, observa-se oposição ao seu atendimento, inclusive através da ridicularização das militantes.

Atualmente a trilha ainda é espinhosa. As mulheres convivem com a degenerescência de suas identidades, com a ridicularização e a negação de suas agendas, além do convívio com o medo e a violência (assuntos para outro estudo). Soihet (2000) mostra percursos utilizados por feministas para as conquistas de alguns direitos, principalmente o direito ao acesso aos espaços públicos. Cursar o ensino superior foi uma conquista, porém, hoje é necessária uma resistência feminina para a permanência em todos os cursos. Para as mulheres que possuem múltiplas jornadas e que são mães, a resistência precisa ser também múltipla. Mostrar para o mundo acadêmico e para a sociedade que a responsabilidade de criar, cuidar, alimentar, entre outras coisas, os filhos e filhas não é apenas da mulher e precisa sim ser compartilhada com o pai da criança, é uma tarefa árdua e diária.

Após o “Ocupinha”, muitos discursos contra o movimento foram feitos nos espaços da instituição. Questionaram a qualidade, a disponibilidade de espaço físico, o cuidado com as crianças, a legislação etc. A sensação é que estes embates são pautados em um machismo acobertado por uma preocupação com o bem-estar das crianças. Pois, dentre tantos discursos contrários, o mais forte foi dito por uma professora para uma turma em sala de aula que o lugar da mãe é em casa cuidando da sua criança. Ora, este discurso retira do pai a responsabilidade enquanto outro responsável pela criança e ratifica o papel da academia em não acolher as estudantes que não seguem um determinado padrão de idade, estado civil, social e econômico.

A criação de um espaço para as crianças não motiva a divisão de responsabilidades entre os pais da criança. Contudo, permite que a mãe participe dos debates em sala de aula, visando um crescimento no pensamento reflexivo sobre o mundo e o fortalecimento desta mulher através da possibilidade de estudar. Apoiar uma mãe a estudar é permitir a abertura de horizontes para ela e para sua filha e/ou filho. Esse apoio por parte da academia deve sair do campo do discurso e se tornar concreto. Mas, isso só será viável com muita resistência. A ideia é, sobretudo, levar as estudantes a pensarem as alternativas para esse problema sem que elas desistam do ensino superior.

* Conclusão

Muito se discute à respeito do papel das mulher na sociedade atual e sobre a superação da inferioridade com relação aos homens. Um fenômeno presente ao longo da História da humanidade, mas que sustenta suas inúmeras faces, na atualidade. Este artigo pretendeu pontuar alguns aspectos da discussão urgente sobre o papel da mulher-universitária-mãe dentro e fora dos espaços acadêmicos numa perspectiva feminista, e a partir da análise de alguns relatos de uma manifestação que surtiu efeito no ir e vir de algumas sujeitas ativistas envolvidas com o currículo e as questões das relações de gênero. Foram bons frutos que ampliaram a discussão do tema na referida universidade.

Pode-se concluir que o que se tem em comum entre as mulheres entrevistadas, além da busca por um crescimento econômico, social e intelectual, é a defesa da necessidade da criação de um espaço voltado para as crianças na UNIRIO para que todas as mães continuem seus estudos enquanto suas crianças estejam seguras e próximas. Defender e buscar apoio para continuar os estudos é resistir em uma sociedade que ainda defende que mulher não precisa estudar e que a responsabilidade de cuidar da casa e da família é dela.

O que mais ouvimos na academia, especialmente, na Escola de Educação, é que temos muito que mudar na Educação e no mundo. Por que não começamos pela formação oferecida pela universidade? Uma mãe pedagoga pode influenciar e corroborar para a formação crítica, reflexiva pautada na busca de equidades, de muitas crianças. Então, comecemos a discussão, a mudança sem excluir estas mães das salas de aula de todas as etapas da educação incluindo a pós-graduação. O tempo é o agora. Estas mulheres precisam permanecer no campo acadêmico difundindo mais conhecimento. Com as crianças aprendemos outras possibilidades: Viu-se que “as crianças já invadiram a UNIRIO e não vão embora sem fazer a diferença” (Cartaz do movimento “Ocupinha” de 2016). São essas e outras tantas cenas que esperamos vivenciar nos espaços das universidades onde nós mulheres podemos construir coletivamente nossas histórias.

Bibliografia

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Superior 2015. [online]. Brasília: Inep, 2016. [citado 2017-04-20]. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>.

Louro, G. (2014) “A emergência do gênero: A mulher visível”. En Louro, Guaracira L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. pp. 18. Petropólis, RJ.

Soihet, R. (2000) “A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz”. En Revista Brasileira de Educação, nº15, 97 – 117.